

A união entre NCEP e MST: um relato sobre a formação de um coletivo de comunicadores agroecológicos independentes no estado do Paraná¹

Valquíria Michela John²
João Gabriel Nunes Cordeiro³
Ana Carolina Paulino da Silva de Oliveira⁴
Evelin Vitória de Freitas Silva⁵
Gustavo Aleixo de Sousa⁶
Maria Fernanda Costa da Silva⁷
Murilo Lemos Bernardon⁸
Universidade Federal do Paraná - UFPR

RESUMO

O presente relato de experiência aborda a formação e as ações resultantes da parceria entre o Núcleo de Comunicação e Educação Popular (NCEP), programa de extensão da Universidade Federal do Paraná (UFPR), e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do Paraná (MST-PR). A junção entre as duas entidades referência na execução da Comunicação Popular e Educomunicação da teoria freireana levou ao surgimento de uma Rede de Comunicadores Agroecológicos independentes, que, como resultado, suscitou o desenvolvimento de iniciativas comunicacionais e educacionais voltadas à promoção contínua da agroecologia no estado Paraná.

PALAVRAS-CHAVE: Agroecologia; Rede de Comunicação; Comunicação Popular.

INTRODUÇÃO

O Núcleo de Comunicação e Educação Popular (NCEP) é um programa de extensão do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), que conta com 30 integrantes entre estudantes de graduação, dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas e Produção Cultural, e professores orientadores. A iniciativa extensionista nasceu em 2003, a partir do interesse de estudantes de comunicação da UFPR, liderados pela então professora Rosa Maria Dalla Costa, em aproximar a comunicação de movimentos sociais (Montipó *et. al.*, 2024).

Há mais de 22 anos, os pilares orientadores do programa – “comunicação popular”, “educomunicação” e “democratização dos meios de comunicação” – são

¹ Trabalho apresentado na Jornada de Extensão, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2026.

² Professora dos Cursos de Jornalismo, Relações Públicas, Publicidade e Propaganda e do PPGCOM da UFPR, e-mail: valquiriajohn@ufpr.br.

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: gabrieljoao@ufpr.br.

⁴ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: oliveiracarolina@ufpr.br.

⁵ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: evelinvitoria@ufpr.br.

⁶ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: gustavoaleixo@ufpr.br.

⁷ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: silvamarina@ufpr.br.

⁸ Mestrando no PPGCOM-UFPR, e-mail: murilo.bernardon@hotmail.com.

fundamentados, sobretudo, na literatura freiriana respectiva à dialogicidade, à educomunicação e à indissociabilidade entre a inteligibilidade interpessoal e a comunicação (Freire, 1996). Nos mais de dez projetos que compõem o Programa, o NCEP busca moldar as suas ações práticas, que atingem os mais diversos públicos de Curitiba e Região Metropolitana, no alicerce do poder emancipatório da comunicação: “Reestudar Freire é fundamental para revigorar a perspectiva de uma comunicação emancipatória” (Meditsch, 2017, p. 143).

Em 2025, o NCEP firmou uma nova parceria com o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra do Paraná (MST-PR), que resultou na formação de um coletivo de comunicadores agroecológicos independentes, ou seja, aqueles que denunciam as grandes empresas ruralistas e divulgam a produção agrícola sustentável, ecológica e socialmente justa. Além disso, a relação levou à adição do Núcleo à realização de seminários estaduais sobre comunicação e agroecologia voltados à população camponesa, e à participação na comunicação da Jornada de Agroecologia – coalizão política de mais de 60 organizações não-governamentais (entre eles o MST) que realiza um encontro anual em Curitiba.

Este relato contextualiza brevemente o histórico do MST e a luta do Movimento pela reforma agrária popular e pela agroecologia. O foco central do texto é descrever as ações resultantes entre a união da extensão universitária e uma das maiores organizações populares do país. A metodologia consiste em revisão bibliográfica e documental, além da coleta de dados qualitativos a partir do relato de experiência de integrantes do próprio Núcleo de Comunicação e Educação Popular de modo a compartilhar os primeiros passos dessa parceria que se encontra em fase de consolidação.

BREVE HISTÓRICO DO MST

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) surge na década de 1980, sobretudo na região Sul do Brasil. Ao final do Regime Militar, o campo brasileiro consolida modernizações econômicas que expulsam agricultores, quilombolas, indígenas e outros povos tradicionais da zona rural. Com o avanço da tecnologia de maquinário para latifúndios e a aglutinação da posse de porções de terra, milhares de camponeses migram para as periferias das cidades – e os conflitos se acirram.

As primeiras ocupações de terra pelos Sem Terra se iniciam a partir de 1981, no Rio Grande do Sul. Em 1984, em Cascavel, no Paraná, região marcada pela presença de

grandes latifúndios e intenso desmatamento, funda-se o MST no primeiro encontro nacional do Movimento. Como descrevem Stedile e Fernandes (1999), em uma mobilização herdeira de diversas experiências de luta pela terra ao redor do país, que se posiciona como agente nacional em busca da implementação da reforma agrária. Nos anos 1990, o MST organiza ocupações massivas que juntam milhares de famílias, como a ocupação do maior latifúndio do Sul do Brasil, a Fazenda Giacomet-Marodin, na região central do Paraná, ocupada por cerca de 12 mil camponeses em 1996. A década também foi a mais violenta no campo, sobretudo no Paraná (CPT/PR, 2006).

Em meio às transformações no país e no Movimento, o MST constrói instituições internas, pilares que asseguram sua longevidade e enraizamento, como o estabelecimento de uma estrutura organizativa; o investimento na comunicação, com o Jornal Sem Terra e as rádios comunitárias; as Escolas do Campo; o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera); além das conquistas de assentamentos através do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

Ao longo dos anos, por meio dos Congressos Nacionais, o MST desloca a perspectiva de luta pela reforma agrária. Com a impossibilidade de se cumprir uma reforma agrária clássica, realizada em países capitalistas como avanço civilizatório pela repartição de grandes latifúndios em propriedades menores para abastecer o mercado interno e fortalecer a industrialização, o MST desenvolve a ideia de Reforma Agrária Popular (Bastos, 2021). Nessa mudança, a luta passa a considerar que os instrumentos do Estado brasileiro não são capazes de superar a barreira histórica da concentração de terra e que é necessário, então, uma mobilização popular atuante e independente. Assim, o MST assume como objetivo central a busca pela transformação social generalizada no Brasil, ou seja, também para a vida urbana, entre os objetivos: a luta pela agroecologia. No Brasil, o Movimento atua em 24 estados, com cerca de 450 mil famílias assentadas⁹.

O NASCER DE UMA REDE DE COMUNICADORES AGROECOLÓGICOS

Diferente dos projetos tradicionais do Programa, inicialmente, a relação do NCEP com o MST tinha muito mais a agregar para os estudantes do que para o Movimento. Há décadas os Sem Terra já demonstram uma grande capacidade de organização política que

⁹ Segundo dados publicizados em 2023 no site oficial do MST na internet. Disponível em: <https://mst.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 08 de abril de 2026.

se estende à comunicação, elemento considerado prioritário na formação dos militantes do MST (Barbosa, 2013). O modelo educacional proposto e praticado pelo Movimento também é baseado na pedagogia de Paulo Freire, que afirma a necessidade de “incluir os meios de comunicação dentro da prática pedagógica” (Barbosa, 2013, p. 181). Ou seja, por si só, o MST já é uma referência em comunicação popular e educomunicação aplicados à prática.

O estreitamento entre o NCEP e o MST surgiu do convite da direção de comunicação do Movimento no estado do Paraná, a partir de militantes que já estavam inseridos no ambiente universitário da UFPR, em participar do 2º Seminário de Comunicação e Agroecologia, realizado em maio de 2025 na Escola Latino Americana de Agroecologia (ELAA) no Assentamento do Contestado, no município da Lapa (PR). À princípio, o NCEP participaria como ouvinte, contribuindo nos debates envolvendo a aplicação da educomunicação e comunicação popular em diferentes cenários.

Entretanto, foi durante o seminário que os estudantes do NCEP receberam o convite para entrar no Coletivo de Comunicação da Jornada de Agroecologia, que, em 2025, chegaria a sua 22ª edição. A Jornada é uma articulação de movimentos populares, coletivos estudantis, grupos de pesquisa, povos indígenas e comunidades tradicionais para debater a agroecologia como modelo agrícola contra-hegemônico no campo e para denunciar violências praticadas pelo agronegócio. A Jornada nasce em 2002 e as primeiras edições são realizadas no interior do Paraná. A partir de 2019, a Jornada passa a ser realizada em Curitiba em parceria com a UFPR. Desde então, o evento passa a se conectar mais com o público urbano e a abranger pautas gerais em torno da agroecologia, não somente às demandas e lutas do campo¹⁰.

Ainda na imersão do 2º Seminário de Comunicação e Agroecologia, foi fomentado tornar o Coletivo de Comunicação da Jornada não apenas uma ferramenta de divulgação e denúncia durante o encontro anual, mas ao longo de todo o ano e de forma permanente. Além disso, foi provocado que, nos seminários seguintes, o NCEP não seria apenas um participante do evento, mas um dos idealizadores e organizadores dos próximos seminários, aplicando oficinas educacionais para o público camponês e

¹⁰ O histórico da Jornada está disponível em: <https://jornadadeagroecologia.org.br/o-que-e-a-jornada/>. Acesso em: 16 de abril de 2026.

sugerindo debates e rodas temáticas, aspectos esses que estão sendo postos em prática em 2026.

Previamente à 22ª edição do encontro anual da Jornada de Agroecologia, o NCEP foi inserido efetivamente no Coletivo de Comunicação da Jornada. Os estudantes de comunicação foram adicionados às “frentes“ (divisões) que mais gostariam de atuar – texto, rádio, audiovisual, fotografia e design –, ao lado de profissionais já experientes no mercado e na área de comunicação popular, ainda assim, sem qualquer distinção ou preterimento profissional na prática entre os indivíduos integrantes do coletivo. Como resultado, efetivou-se uma cobertura colaborativa dinâmica, antes, durante e após a Jornada de Agroecologia. Foram produzidos conteúdos para as redes sociais da Jornada e do MST, textos jornalísticos e entrevistas em formato de *videocasts* para os canais oficiais de comunicação da Jornada, além de uma edição colaborativa com o Jornal Brasil de Fato PR para uma edição impressa especial, temática sobre agroecologia. Todas as veiculações citadas contaram com a participação direta do NCEP.

Após a Jornada, a parceria entre o MST e o NCEP consolidou-se e a vontade de tornar o Coletivo de Comunicação em uma Rede de Comunicadores Agroecológicos permanente foi cumprida. Os canais oficiais da Jornada passaram a ser uma ferramenta contínua de divulgação da agroecologia e queixa ao agronegócio, assim, contrapondo a cobertura da agroecologia (não) praticada pela mídia hegemônica e sem manter vinculações econômicas e editoriais à grupos empresariais, caracterizando os canais da Jornada como uma iniciativa comunicacional independente (Patrício; Batista, 2020).

A partir de setembro de 2025, o 3º Seminário de Comunicação e Política também passa a ser planejado pela Rede, agora, com a contribuição direta do NCEP. O terceiro seminário seria realizado entre os dias 8 e 9 de novembro de 2025, na cidade de Rio Bonito do Iguaçu, na Região Oeste do Paraná. Todavia, no dia em que os participantes do seminário e integrantes do coletivo sairiam de Curitiba em direção ao interior do estado, a viagem foi cancelada pelos fortes ventos e tempestades que acometiam Rio Bonito do Iguaçu. Dois dias depois a cidade estaria devastada, com 90% das suas construções destruídas, seis mortes e 750 feridos¹¹.

¹¹ Dados do G1 Paraná. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/campos-gerais-sul/noticia/2026/04/06/apos-tornado-que-destruiu-90percent-de-cidade-no-parana-moradores-tentam-reconstruir-em-meio-ao-trauma-as-criancas-nao-ficam-mais-em-casa-quando-chove.ghtml>. Acesso em: 16 de abril de 2026.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (OU PRÓXIMOS PASSOS)

A tragédia assistida em Rio Bonito do Iguazu tornou-se, então, a primeira experiência coletiva de cobertura a ser conduzida pela Rede de Comunicadores Agroecológicos fora da Jornada, auxiliando outros veículos independentes como a Mídia Ninja¹². À pedido da Rede e do MST, na semana seguinte ao tornado, o NCEP foi convidado à prestar ajuda humanitária e participar da cobertura *in loco* na região – um estudante integrante do NCEP pôde se deslocar até a cidade.

Na cobertura, os materiais coletados se transformaram, afinal, em uma nova ferramenta de denúncia contra a atuação do agronegócio na região do oeste paranaense e contra o atual modelo capitalista vigente. A devastação na cidade não é apenas um fator natural, mas resultado do agravamento da crise climáticas a partir da interferência humana, considerando que, para Mendonça (2025, p. 39), a questão socioambiental não pode ser analisada de forma separada do sistema econômico e social ao qual ela está inserida. A divulgação independente da catástrofe é apenas um exemplo da importância de se comunicar com o seu público de forma complexa, gerando uma compreensão crítica da realidade e instigando a mobilização do receptor, baseado no princípio da “consciência-organização-ação” (Peruzzo, 2017) como modelo de transformação social.

Um ano após a sua formação, a parceria entre o NCEP e o MST e a Rede de Comunicadores Agroecológicos pretende continuar promovendo os princípios da comunicação popular e colaborativa, empoderando a produção comunicacional e educacional do movimento pela reforma agrária popular e pela agroecologia como alternativa ao atual desgaste do modelo econômico-social capitalista.

REFERÊNCIAS

Comissão Pastoral da Terra - CPT/PR. **Desterro**: uma cronologia da violência no campo no Paraná na década de 90. Curitiba, 2006.

BARBOSA, A. **A comunicação do MST**: uma ação política contra-hegemônica. 2013. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

BASTOS, Pablo Nabarrete. **Marcha dialética do MST**: formação política entre campo e cidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

¹² Comunicadores da Rede também ajudaram a abastecer a cobertura do veículo na época da tragédia.

MEDITSCH, E. PAULO FREIRE NAS PRÁTICAS EMANCIPADORAS DA COMUNICAÇÃO: AINDA HOJE, UM MÉTODO SUBUTILIZADO NO BRASIL. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 13, n. 25, p. 132-143, 2017.

MENDONÇA, C. R. B. **A Interface entre a Questão Ambiental e o Capitalismo**: estudo sobre a gestão de risco de desastres na política de assistência social do Amazonas. 2025. 148 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2025.

MONTIPÓ, C. *et al.* NCEP, 20 anos: comunicação e memória na I Semana de Educomunicação da UFPR. **Revista Práticas em Extensão**, vol. 8, n. 2, p. 102-116, 2024

PATRÍCIO, Edgard; BATISTA, Raphaelle. Elementos de identidade em iniciativas de jornalismo independente. **Revista Extraprensa**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 217-231, 2020.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Ideais de Paulo Freire aplicadas à Comunicação popular e comunitária. **Revista FAMECOS**, v. 24, n. 1, p. ID24207, 2017.

STEDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo Maçano. **Brava Gente**: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. 1ª ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999.